

**UMA ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE ECONOMIA E FINANÇAS
INTERNACIONAIS****Flávia Angeli Ghisi¹****Rubens Famá²****Tabajara Pimenta Júnior³****RESUMO**

Na atualidade, a interatividade internacional em diversas áreas atingiu um nível de abrangência tão elevado, que já não é possível o estudo de vários temas de forma isolada. Nas atividades econômico-financeiras esse efeito é muito importante. A compreensão de operações financeiras de captação e/ou investimento, dos fluxos financeiros internacionais, das transações comerciais, das decisões de empresas e governos no âmbito econômico internacional, entre outros assuntos, requer o domínio de conceitos que interagem em várias áreas do conhecimento. Esta pesquisa objetiva identificar a visão dos alunos de administração sobre a importância de se estudar assuntos ligados aos acontecimentos globais e sobre os métodos didáticos mais adequados para o estudo desses assuntos, de forma a contribuir para o aprimoramento do ensino de finanças nas escolas brasileiras de administração de empresas.

¹ Mestranda em Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos - E-mail: flaghisi@uol.com.br

² Professor Doutor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo - E-mail: rfama@usp.br

³ Professor Doutor do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo - E-mail: tabajr@netsite.com.br

1. INTRODUÇÃO

A globalização dos mercados e fluxos financeiros é um fenômeno que avança inexoravelmente e as empresas que pretendem manter o poder da competitividade estão se tornando globais (WESTON & BRIGHAM, 2000). O ciclo de vida dos produtos é cada vez mais curto e as tecnologias envolvidas em sua produção e em suas características tornam-se cada vez mais complexas. O nível de exigência dos consumidores por novidades, qualidade e preço vem evoluindo. Mesmo as empresas que trabalham apenas em âmbito doméstico estão, atualmente, muito mais expostas aos efeitos dos acontecimentos internacionais.

Este é o contexto da administração atual. Os administradores devem ter uma visão global para a tomada de decisões, que depende também do conhecimento de fatores internacionais, como a economia globalizada, interação de mercados, diferenças culturais, modelos de transações comerciais, idiomas, operações financeiras, legislação, entre outros (DWYER, 1995).

Por isso, os cursos superiores de Administração devem incluir em suas grades curriculares, elementos que possibilitem a formação do aluno nas áreas que envolvem os conhecimentos de gestão e economia internacionais, caso contrário, as universidades ficam sujeitas a formarem um profissional despreparado para atuar sob as condições atuais da administração (WEISTEIN, 1996).

Com o propósito maior de contribuir para a motivação de discussões sobre o ensino da administração, principalmente sobre as finanças e economia internacionais, este trabalho foi desenvolvido tendo como objetivo específico avaliar a posição dos alunos em relação à importância da abordagem desses conhecimentos nos cursos de Administração, e a melhor maneira de fazê-lo. Os resultados trazem uma proposta para que professores de finanças consigam melhor estruturar os programas das disciplinas da área de administração financeira.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O Ensino Universitário

Atualmente, pode-se dizer que a universidade que conhecemos acompanhou os paradigmas da modernidade. No contexto atual há a necessidade de uma constante busca por novas perspectivas para o ensinar (LEITE & MOROSINI, 1997).

Entretanto, mesmo considerando-se as incertezas dos tempos dinâmicos da economia globalizada, algumas universidades ainda resistem em aceitar mudanças, e as novas formas do ensino. Ainda é comum a existência do professor, repassador de informações (transmissor do conhecimento produzido), que não instiga uma reflexão rigorosa sobre conceitos e ensinamentos, e a cobrança de que o aluno seja um memorizador e um reproduzidor fidedigno das informações recebidas (CUNHA, 1997).

Neste sentido, constata-se que é importante que ocorram alterações nas formas de atuação de alunos e professores, de maneira a proporcionar uma nova relação de ensinar e aprender na universidade, melhorando, assim, a qualidade e o compromisso do ensino superior.

O momento requer uma série de mudanças, para reverter estatutos mal-aplicados, programas elaborados de forma incompleta, durações obrigatórias dos estudos muitas vezes não respeitadas, provas e exames incoerentes com a forma de ensinar, entre outros aspectos estruturais (CHARLE e VERGER, 1996).

A universidade deve propor uma forma de ministrar aulas sob um novo prisma, sob uma nova perspectiva para o ensinar e o aprender (LEITE e MOROSINI, 1997). Antes de mais nada, na qualidade de membros da instituição, os professores têm a obrigação de estar à altura das expectativas dos estudantes (MORTIMORE, 1998), e a maioria destes mestres do ensino, segundo Cunha (1997), acabam por não fazer uma reflexão minuciosa sobre suas práticas e, como produto acabado dos processos que os formaram, repetem os mesmos procedimentos que viveram.

Braga et. al. (1997), levantam uma questão que reforça a falta de uma visão mais coerente e concisa com os tempos modernos. “Por que, com o advento do novo século, na tensão constante da incerteza do futuro ante a rapidez das mudanças vividas em escala mundial, a academia, a universidade, seu ensino, sua pesquisa, a formação de professores, em especial, não mudam?”. Segundo os mesmos autores, os currículos universitários deveriam ser adaptados à realidade atual, de forma que as disciplinas fossem tratadas considerando e assumindo a interatividade uma com as outras.

Mortimore (1998) reforça essa idéia. As instituições do ensino superior devem investir nas mudanças curriculares, abrindo espaço para o surgimento de uma nova modalidade mista de cursos acadêmicos, os quais considerem em seus currículos, o melhor do ensino tradicional, com os novos conceitos da atualidade.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Cunha (1997) reforça a necessidade de adaptação dos currículos na nova era, e ainda considera, nesse contexto, a necessidade de que tais adaptações sejam acompanhadas por mudanças que sustentem esse processo de transformação.

As formas tradicionais de ensino, para Cunha, acabam por limitar as possibilidades de aprendizagem. Na realidade, quando se pensa em reformular as formas de ensino, a alteração do currículo (inserindo ou alterando a ordem dos conteúdos), pura e simples, acaba por tornar-se insuficiente no que tange às mudanças necessárias para sustentar o anseio por conhecimento. A essência dessas mudanças são complexas e devem considerar um escopo ainda maior. A inovação do ensino superior deve, portanto, focar as formas alternativas de trabalhos que rompam barreiras com a estrutura tradicional e considerem, em sua concepção, novas formas de repensar o ensino e o aprendizado.

Instituições que visualizam essa limitação e carência do ensino tradicional, acabam por despende esforços, na tentativa de criar uma forma mais adequada de ensinamento, fundamentada não apenas na mudança curricular, mas também na própria concepção do ensino.

2.2 Métodos Didáticos em Finanças

Hougen (1999) destaca que é possível distinguir três tipos de ensino de finanças: (1) as finanças antigas, tratadas entre as décadas de 30 e 60, onde os temas eram a análise de demonstrações financeiras e a natureza dos títulos de crédito, e o ensino baseava-se em contabilidade e direito; (2) as finanças modernas, estudadas do final da década de 60 a meados da década de 90, onde o tema principal era a avaliação no comportamento econômico racional, destacando-se os paradigmas de otimização, irrelevância, modelos de precificação e eficiência de mercados; e (3) as novas finanças, tratadas neste final de século, cujos temas envolvem a idéia de mercados ineficientes, a modelagem “ad hoc” e modelos comportamentais, e a base está na estatística, econometria e psicologia.

Na primeira fase do desenvolvimento das finanças, conforme relatam Copeland e Weston (1988), os professores eram, em geral, homens de negócios que iam às escolas ensinar sua experiências, com base em documentos contábeis. A segunda e terceira fases foram predominantemente ensinadas por acadêmicos com pouca ou nenhuma experiência em negócios, exceto em consultorias.

As rápidas mudanças no campo das finanças trouxeram profundas implicações no ensino tradicional de administração. Além da intuição, iniciativa, bom senso, disposição para a leitura e habilidade para trabalhar com outras pessoas, os novos formandos terão maior capacidade competitiva se detiverem um forte treinamento técnico nas ferramentas analíticas e quantitativas colocadas à sua disposição.

A educação e o treinamento em administração tendem a considerar o papel do administrador, com uma visão de atuação globalizada (TEIXEIRA, 1999). Para o ensino de economia e finanças internacionais, uma combinação de métodos didáticos é mais adequada. Três características se destacam: a diversidade dos assuntos; sua interligação; e a grande disponibilidade de informações. A diversidade dos assuntos indica que o tempo necessário para se expor todos os conteúdos aos alunos, é um fator limitante. A interligação dos assuntos é um ponto favorável para a construção de um aprendizado, em que um estudo anterior alavanca o próximo tema, e o avanço gradual permite discussões cada vez mais ricas. Por último, a grande disponibilidade das informações facilita o trabalho de incentivar o aluno a buscá-las e progredir com seu próprio raciocínio e poder de crítica.

A combinação dos métodos denominados multimeios, expositivo e da descoberta é a que se revela mais apropriada para o ensino dos assuntos de economia e finanças internacionais. O método multimeios incentiva o uso adequado dos novos instrumentos audiovisuais. O expositivo desenvolve a capacidade do aluno de expor idéias, de sintetizar conteúdos, de priorizar conceitos, entre outros benefícios. E o da descoberta desafia o aluno a obter o conhecimento, com a busca de informações, e o debate de seus argumentos, construídos a partir de sua leitura crítica do novo conhecimento com o qual se defronta (BURGOYNE e STUART, 1991).

3. OBJETIVO

Esse trabalho tem por objetivo contribuir para o aprimoramento do ensino de finanças, no curso de Administração de Empresas, propondo uma estrutura didática para disciplinas que envolvam os temas de economia e finanças internacionais, a partir das considerações dos alunos sobre a importância do estudo dessa área do conhecimento e os métodos didáticos mais apropriados para fazê-lo.

4. METODOLOGIA

A pesquisa realizada nesse estudo é classificada como “pesquisa aplicada”, uma vez que procura diagnosticar uma realidade e provocar uma mudança no modo de como fazer alguma coisa (SALOMON, 1999). Ainda segundo Salomon, a pesquisa aplicada é voltada para modificar instituições através da ação conjugada de seus responsáveis que devem encontrar as práticas a serem mudadas, satisfazendo necessidades e demandas da vida moderna.

O método indutivo, pelo qual se busca fazer generalizações com base na observação de um número limitado de eventos específicos, foi adotado para atender às características do problema dessa pesquisa aplicada.

A amostra, de caráter não-probabilístico, foi escolhida através de uma amostragem por conveniência. Nesta pesquisa, esta técnica é a mais apropriada pois permite a seleção de componentes da amostra de acordo com as características necessárias para a obtenção de casos considerados típicos nesta população (SELLTIZ et al, 1974).

Os dados são primários e coletados por meio de um questionário estruturado aplicado a um grupo específico de respondentes. A mensuração e análise dos dados contou com um tratamento estatístico para fundamentar quantitativamente as conclusões originadas dos resultados obtidos.

5. A PESQUISA REALIZADA

Para se atingir a proposta deste estudo, foi realizada uma pesquisa de campo, em junho e julho de 2000, com 63 estudantes do curso de Administração de Empresas da Universidade de São Paulo, Brasil.

O instrumento adotado foi um questionário estruturado, aplicado aos alunos do segundo e terceiro ano do curso de administração, os quais responderam os questionários, individualmente, e por escrito. Do total pesquisado, 29 cursavam o segundo ano e 34 o quarto ano letivo.

Dos entrevistados, 61,9% eram homens e 38,1% mulheres, sendo que 77,7% tinham idade inferior a 25 anos e 22,3% idade igual ou superior a 25 anos. A maioria dos pesquisados trabalha (71,4%), com 49,2% em trabalhos de período integral. Esses dados poder ser visualizados na Tabela 1.

SEXO	IDADE	PERÍODO DE TRABALHO
Homens: 61,9%	21 a 24 anos: 44,4%	Período Integral: 49,2%
Mulheres: 38,1%	18 a 20 anos: 33,3%	Não Trabalha: 28,6%
	maior que 25 anos: 22,3%	Meio Período: 17,5%
		Outros: 4,7%

Tabela 1: Sexo, Idade e Período de Trabalho dos Respondentes

Área de Preferência no Curso de Administração
Marketing: 36,5%
Finanças: 22,2%
Recursos Humanos: 12,7%
Política de Negócios: 11,1%
Administração Geral: 9,5%
Produção e Operações: 4,8%
Métodos Quantitativos: 3,2%

Quando questionados sobre a área de maior interesse no curso de administração de empresas, 22,2% indicaram a área de Finanças, que ficou atrás apenas da área de Marketing, cuja preferência atingiu 36,5% (ver Tabela 2).

Tabela 2: Área de Preferência no Curso de Administração

Considerando a área de finanças, o tema de Finanças Internacionais foi escolhido como o de maior interesse por 14,3% dos alunos, ficando atrás de: Mercado Financeiro (34,9%), Avaliação de Empresas (22,2%), e Gestão Financeira Empresarial (19,0%). O resumo desses dados podem ser vistos na Tabela 3.

Área de Finanças de Maior Interesse
Mercado Financeiro: 34,9%
Avaliação de Empresas: 22,2%
Gestão Financeira Empresarial: 19,0%
Finanças Internacionais: 14,6%
Outros: 9,3%

Tabela 3: Área de Finanças de Maior Interesse

Na pesquisa, buscou-se selecionar alguns assuntos específicos de economia e finanças internacionais, com o intuito de se verificar o conhecimento dos estudantes, assim como a necessidade e interesse sobre tais assuntos. Assim, foram escolhidos: Mercosul, Euro, Emissão de Títulos Internacionais, Processos de Exportação e Importação, Bancos de Fomento e Desenvolvimento, FMI e as Economias Emergentes, Mercados de Capitais Internacionais e Mercados de Câmbio.

Constatou-se que quase a totalidade dos estudantes (98,4) apresentaram algum nível de conhecimento sobre os assuntos citados. Pôde-se perceber, também, que 98,9% tinham interesse em obter e aplicar conhecimentos em economia e finanças internacionais, mesmo que estes não sejam uma exigência profissional do trabalho que executam.

Em se tratando das fontes de informações que esses estudantes utilizam para obter conhecimento sobre os assuntos citados, destacam-se os jornais (39,7%), o aprendizado obtido em sala de aula (12,7%), revistas (11,11%) e internet (9,5%). Outras fontes citadas foram os livros, palestras e seminários, conhecimento no trabalho, conversas informais e televisão. Esses dados se encontram na Tabela 4.

A pesquisa indicou que 93,7% dos estudantes acham muito importante ou pelo menos importante que esses temas sejam abordados em um curso de administração. Quando questionados sobre a importância da existência de disciplinas específicas, voltadas para o ensino desses assuntos, pôde-se constatar que 84,2% dos pesquisados consideravam que, dada a importância do tema, deveria haver disciplinas específicas para abordá-lo. Os demais consideraram que os assuntos poderiam ser abordados nas diversas disciplinas da administração já existentes.

A pesquisa revelou que, 86,2% dos alunos consideraram que é melhor obter um conhecimento generalista sobre um maior número de assuntos, do que um conhecimento aprofundado sobre um conjunto menor deles. E, ainda, revelou que 78,2% consideram que os métodos participativos de aprendizagem são os mais indicados para o estudo de assuntos dinâmicos e variados, como os de economia e finanças internacionais.

Fontes de Informações
Jornais: 39,7%
Sala de Aula: 12,7%
Revista: 11,11%
Internet: 9,5%
Outros: 26,99%

Tabela 4: Fontes de Informações Utilizadas pelos Estudantes

6. RESULTADOS

Os resultados da pesquisa realizada revelaram alguns aspectos importantes como: a importância atribuída pelos pesquisados ao estudo dos assuntos relacionados a finanças e economia internacionais, o interesse que os alunos mostraram pela existência de disciplinas específicas para a abordagem desses assuntos, e o nível de conhecimento sobre os tópicos selecionados, obtido por iniciativa própria dos alunos.

A curiosidade e o interesse pelo assunto são aspectos que não podem ser relevados quando da estruturação e planejamento de disciplinas que explorem estes temas. Outros aspectos importantes são: a faixa etária em que a maioria dos alunos dos cursos de graduação em administração se encontra – público jovem – capaz de dispendir esforço e tempo de dedicação maiores, catalizados pela grande afinidade com as novas tecnologias de comunicação e acesso a informações; e a necessidade de lidar com um processo de aprendizagem que privilegie o dinamismo, a participação direta e um alcance mais abrangente e menos específico sobre os temas.

A proposta resultante desse estudo compõe-se de dois pontos: (1) que as grades curriculares de cursos de administração incluam pelo menos uma disciplina para tratar de tópicos relacionados a finanças e economia internacionais; (2) de que essa disciplina tenha uma estrutura didática que contemple alguns aspectos específicos: o caráter flexível do conteúdo; a abordagem mais generalista e menos aprofundada dos assuntos; o ensino participativo; o aproveitamento do interesse natural do aluno pelos assuntos de caráter global, para explorar o aprendizado por descoberta, adequado a interatividade existente com as novas tecnologias de informação.

A proposta de estrutura didática da disciplina é a de que as aulas sejam divididas em dois blocos. No primeiro, que deve consumir a primeira metade do semestre letivo, o professor trata dos conhecimentos fundamentais para o aprendizado dos assuntos de economia e finanças internacionais. Nessas aulas, além da parte expositiva, os alunos são incentivados a participar de discussões em sala de aula, sobre questões relacionadas ao tema da aula, mas que tenham um apelo atual (notícia de jornal, um fato relevante, as consequências de uma lei, etc.). Esse primeiro bloco de aulas deve oferecer o conhecimento básico mínimo para que os alunos possam estudar outros e variados assuntos de finanças e economia no contexto internacional. Essas aulas básicas devem abordar, por exemplo, conceitos de sistema monetário, câmbio, balanço de pagamentos, administração de multinacionais, e comércio internacional.

No segundo bloco de aulas, que completa o semestre letivo, os alunos devem expor seminários de rápida duração (cerca de 30 minutos), sobre o maior número possível de assuntos relacionados aos temas da disciplina. Nesses seminários, que visam oferecer uma cultura geral sobre os assuntos, deve-se ter a preocupação de que os assuntos sejam abordados de forma crítica. Isso significa que é mais importante a visão atual do assunto (situação, contexto, perspectivas, etc.) do que propriamente definições e histórico. Para cobrir o conhecimento básico sobre cada assunto, os alunos são convidados a lerem artigos e outros textos, coletados e compartilhados ao longo do semestre, sob supervisão do professor.

O caráter flexível da disciplina garante que os assuntos tratados sejam sempre atuais, permitindo a introdução de novos assuntos. O caráter participativo e dinâmico da disciplina garante que um número maior de assuntos seja coberto, os alunos troquem informações entre si e, ainda, que as exposições em público e as discussões entre os alunos, ofereçam a oportunidade de obtenção de uma cultura geral sobre temas importantes para a administração, de forma agradável e natural.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a globalização, a interatividade internacional acabou por instigar as universidades a repensarem nas formas de introduzir assuntos ligados aos acontecimentos globais em seus currículos, para melhor adequá-los à realidade atual. No caso do curso de administração de empresas, a necessidade de alteração ou inserção de alguns temas é ainda mais acentuada.

Considerando a área de finanças, o conteúdo programático deve buscar inserir assuntos internacionais. Algumas universidades já se mobilizaram para o ensino dos assuntos de economia e finanças internacionais. Entretanto, muitas outras ainda resistem em alterar os conteúdos tradicionais ou inserir disciplinas que busquem a abordagem de assuntos inovadores. Isto não implica que os temas tradicionais de finanças não devam ser mais ensinados, mas sim que estes devam ser complementados, para a melhor adequação com o mundo atual.

Na pesquisa de campo, ficou claro que os alunos reconhecem a importância de tais temas e da necessidade de se criar disciplinas específicas que abordem esses temas. Quase a totalidade dos alunos consideram vital essa

adaptação curricular. Entretanto, por estes serem assuntos muito dinâmicos, as universidades devem estar sempre atualizando os assuntos abordados na disciplina específica, assim como a forma de ensiná-los em sala de aula. Essas disciplinas são flexíveis, devido à constante atualização de seus conteúdos e estratégias didáticas.

É muito importante que as universidades de administração de empresas busquem alternativas de inserir tais assuntos em seu conteúdo programático, seja através da criação de disciplinas específicas ou pelo menos que tais temas sejam abordados mais intensamente nas disciplinas já existentes.

8. BIBLIOGRAFIA

- BRAGA, A. M. GENRO, M. E. LEITE, D. *Universidade futurante: inovação entre as certezas do passado e incertezas do futuro*. Campinas: Papirus, 1997
- BURGOYNE, John, STUART, Roger. *Teaching and learning methods in management development*. Personnel Review, vol. 20, no. 3, pp. 27-33, 1991.
- CHARLE, C., VERGER, T. *História das universidades*. São Paulo: Unesp, 1996.
- CUNHA, M. I. *Aula universitária: inovação e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1997.
- DWYER, Brian M. *Preparing for the 21st century: a paradigm for our times*. Innovations in education and training international. The Association for Educational and Training Technology. Londres: Kogan Page, 1995. Vol. 32, no. 3.
- HAUGEN, Robert A. *The new finance: the case against efficient markets*. New Jersey: Prentice Hall, 1999.
- LEITE, D. MOROSINI, M. *Universidade futurante: produção do ensino e inovação*. Campinas: Papirus, 1997.
- MORTIMORE, P. *The road to improvement: reflections on school effectiveness*. New York: Swet & Zeitlinger, 1998.
- SALOMON, D. V. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 5^a ed.
- SELLTIZ, C.; COOK, S.W. et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1974.
- TEIXEIRA, G. *Princípios para a seleção de métodos didáticos na educação e treinamento em administração*. In: Didática do Ensino de Administração, módulo VII, Métodos de Ensino de Administração. Coletânea. São Paulo: FEA/USP, 1999.
- WEISTEIN, Claire E. *Learning how to learn: a essential skill for the 21st century*. Educational Record, Fall, 1996.
- WESTON, J. Fred, BRIGHAM, Eugene F. *Fundamentos da administração financeira*. São Paulo: Makron Books, 2000. Ed. 10^a, 1030 p.